



ALEMANHA

Entre o ódio e o nacionalismo

Correntes neonazistas e extremistas de direita ganham força na sociedade e na política alemã, ameaçando o pluralismo e a democracia. Com agenda xenofóbica e anti-imigração, o ultraconservador AfD tornou-se o segundo maior partido do país

» RODRIGO CRAVEIRO

A dolf Hitler disparou contra a própria cabeça em 30 de abril de 1945, dentro do bunker, quando estava prestes a ser capturado pelo Exército Vermelho, da União Soviética. Oito décadas depois da morte de seu líder, a ideologia do Führer — na forma do neonazismo — segue viva na Alemanha e inspirou outras correntes, com visões ultranacionalistas e xenofóbicas, que ganharam espaço na política. Sob os slogans “Alemanha, mas normal”; “Nosso país primeiro”; e “Remigração, em vez de imigração em massa”, o partido Alternative für Deutschland (Alternativa para a Alemanha) tem conquistado cada vez mais adeptos. Na esteira de seu crescimento, crimes de propaganda e atos de violência cometidos pela extrema direita ameaçam uma sociedade pluralista e multiétnica.

Tanjev Schultz, especialista em extrema direita da Johannes Gutenberg-Universität Mainz (centro-oeste da Alemanha), lembrou que, no meio acadêmico e entre as agências governamentais, costuma-se fazer uma distinção entre neonazistas — que aderem claramente ao nacional-socialismo histórico em termos de ideologia e comportamento — e extremistas de direita. “Esse último grupo pode ser encontrado em várias organizações com orientações diversas, inclusive em partidos como o AfD. Os neonazistas podem ser compreendidos como um subgrupo de todos os extremistas de direita. Se considerarmos todas as pessoas da Alemanha que são integrantes de partidos da extrema direita (como o AfD ou legendas menores, como ‘Die Helmat’ ou ‘Der III Weg’) ou que estão envolvidas em estruturas não partidárias, estima-se um total potencial de 51.500 em todo o país”, disse ao **Correio**.

Segundo Schultz, o número de crimes de extremistas de direita, incluindo crimes de propaganda, subiu drasticamente. Por isso, ele vê o extremismo de direita como uma grave ameaça na Alemanha. Pessoas de cor negra ou pertencentes à comunidade LGBTQIAPN+ estão cada vez mais expostas à

Sascha Schuermann/AFP



Polícia usa canhão d’água para dispersar protesto durante convenção do partido Alternativa para a Alemanha, em Giessen (oeste do país)

Eu acho...

Arquivo pessoal



“A ideologia do AfD encontra eco na Alemanha devido a setores da população que se opõem ao fluxo de migrantes, principalmente muçulmanos; à sensação, especialmente na Alemanha Oriental (antiga RDA), de que os alemães ‘comuns’ foram deixados para trás e que há menos oportunidades de emprego e carreira para os jovens; ao ressentimento em relação ao que é chamado de *Schuldkult* (culto da culpa) — que lembra repetidamente aos jovens sua responsabilidade histórica pelo Holocausto; e à sensação de que não podem se orgulhar de serem alemães e da cultura e história alemãs. A combinação do ressentimento socioeconômico e da vergonha de serem alemães, com a sensação de que os partidos tradicionais não cumpriram suas promessas, reflete-se na mudança do mapa eleitoral da Alemanha.”

OMER BARTOV, professor titular da cátedra de Estudos do Holocausto e Genocídio na Universidade Brown (Rhode Island)

Arquivo pessoal



“Felizmente, a ideologia neonazista declarada não desempenha papel significativo nos governos dos estados federados ou no governo federal. Mas os extremistas de direita atacam a mídia e outros partidos. O AfD tem assentos nos parlamentos estaduais e é a maior facção da oposição no Bundestag (Parlamento). Apesar de isso não lhe conferir poder executivo, lhe dá certa influência sobre os acontecimentos políticos. E outros partidos mudaram de posição em questões como a imigração, em parte devido a essa pressão. O AfD conta com vários integrantes particularmente radiciais que têm ligações com estruturas neonazistas. O partido poderá obter ganhos significativos em algumas eleições estaduais em 2026. Membros do partido conservador do chanceler Friedrich Merz (a CDU) estão cada vez mais dispostos a fazer coligações com o AfD.”

TANJEV SCHULTZ, especialista em extrema direita da Johannes Gutenberg-Universität Mainz (Alemanha)

violência da direita. Em 2024, foram registrados quase 38 mil crimes cometidos pela extrema direita, a maioria deles de propaganda, incluindo 1.281 delitos violentos — dos quais 1.121 envolveram

lesão corporal. “No ano passado, uma média de três crimes violentos foram cometidos por extremistas de direita todos os dias na Alemanha”, advertiu.

Professor titular da cátedra de

Estudos do Holocausto e Genocídio na Universidade Brown (em Rhode Island), Omer Bartov explicou ao **Correio** que o número de neonazistas tem aumentado na Alemanha. Em 2023, eram

cerca de 40 mil — mais da metade da capacidade de público da Arena BRB, em Brasília. “Ainda que bastante marginal, essa estatística representa o crescimento de tendências de extrema direita que são

muito prevalentes e se refletem na ascensão meteórica do AfD, o segundo maior partido da Alemanha”, afirmou. “Isso é inédito desde o fim da década de 1920 e o início dos anos 1930, e motivo de preocupação. Partidos de extrema direita desse tipo também se expandiram em outros países europeus, como Itália, França, Holanda, Suécia e Espanha. A expectativa é de que cresçam em breve também no Reino Unido. Nos Estados Unidos, o movimento MAGA (‘Torne a América Grande Novamente’) pode servir como paralelo.”

Para Bartov, é um erro falar do AfD e de outros partidos populistas europeus como se fossem neonazistas, neofascistas ou fascistas. O especialista reconhece ligações históricas e ideológicas e acredita que o fenômeno atual tem características distintas que necessitam ser reconhecidas. “Os novos partidos, como os da francesa Marine Le Pen e a italiana Giorgia Meloni, reformularam a própria imagem, em um esforço para se libertarem de suas raízes nazistas e fascistas e, assim, atraírem mais pessoas”, disse o historiador israelense.

Bartov acrescentou que o AfD e outros partidos da extrema direita apelam ao orgulho e aos valores nacionais; e à oposição a estrangeiros e imigrantes, às elites políticas, econômicas e intelectuais. “Esses partidos vivem no isolamento, afastam-se de organizações internacionais e concentram-se em melhorar a situação dos italianos, dos alemães e dos franceses ‘de verdade’”. São habilitados com as mídias sociais e atraem os jovens, não tanto com uma mensagem de nacionalismo expansionista, mas com a reafirmação do orgulho étnico.”

O estudioso da Johannes Gutenberg-Universität Mainz admitiu que os extremistas de direita alteraram negativamente o clima político na Alemanha. “Nos últimos anos, conseguiram garantir que a migração seja discutida repetidamente de forma simplista e desumana. Também impediram que debates sérios ocorressem nas redes sociais e que muitas pessoas fossem intimidadas”, disse Schultz.

Paulo Delgado



contato@paulodelgado.com.br

A ESPERANÇA COMO PESADELO

Fim de mais um ano, novas invenções, o espelho não prova mais que envelhecemos, a produção de riqueza aumenta. Mas em que país as colunas da ordem e da desordem não são artifícios do progresso para esconder um tempo inventor de pesadelos?

Sem apelar para o otimismo meio cínico de quem vê transcendência na bagunça que são as equivocadas preferências do mundo — mas também sem se perder na indiferença de quem acha que nada mais é genuíno e verdadeiramente bom —, o tempo de Natal e Ano-Novo é sempre uma boa época em que a pausa nos permite refletir sobre o que vai bem e o que vai mal por aí.

Em sua primeira mensagem *Urbi et Orbi*, por ocasião do dia de Natal, o papa Leão XIV disse que o mundo melhoraria de verdade “se entrássemos de fato no sofrimento dos outros e fôssemos solidários com os fracos e os oprimidos”. A mensagem, seguida de uma bênção direcionada “à cidade (de

Roma) e ao mundo”, lembra o imperativo ético de, em primeiro lugar, proteger os desprotegidos e melhorar a vida daqueles que estão numa situação de maior vulnerabilidade. É essa a primordial capacidade de amar, para quem quer ser verdadeiramente feliz.

Nas principais praças do mundo, no entanto, os dados mostram que 2025 foi mais um ano que alimentou a bifurcação estrutural do bem-estar, naquilo que muitos visualizam como uma economia em formato de K. O formato da letra K sintetiza uma distribuição de bem-estar em que uma parcela menor da população experimenta uma trajetória ascendente, com crescente segurança econômica baseada na acumulação e consumo requintado de tudo, enquanto uma outra faixa muito mais ampla da população segue em direção descendente, enfrentando a deterioração das condições e das expectativas de trabalho — o que vem acompanhado por endividamento insustentável e cronificação

da insegurança pessoal e material.

Isso não resulta numa sociedade verdadeiramente segura e que conta com o apoio racional necessário para o funcionamento geral dos seus sistemas e instituições. Por isso, vivemos tempo de constante apelo à irracionalidade e de tolerância com a fatalidade que é ver tantas almas desunidas.

Revertendo a trajetória de expansão do bem-estar social observada no mundo nos últimos anos, temos hoje uma clara dissociação que descamba em dualidades de baixa harmonia. Duas realidades humanas desenhadas, onde cada uma quer uma coisa, sendo, ao mesmo tempo, causa e efeito do enfraquecimento do afeto social. Tal retroalimentação ocorre porque aqueles que prosperam passam a viver em realidades econômicas quase desconectadas das dificuldades enfrentadas pelos mais vulneráveis. Ou é isso, ou é visto de tal maneira pelos marginalizados, o suficiente para rasgar

a harmonia do tecido social. Enfim, dois produtos de condições sociais diversas, que vão se tornando duas diferentes famílias de almas e espíritos que se esbaram sem se unir.

Essa configuração, historicamente associada a sociedades marcadas por desigualdade estrutural, abuso de poder normalizado e informalidade persistente, deixou de ser uma exceção periférica para se tornar uma tendência central nas economias avançadas. Nesse sentido, não é difícil observar uma gradual “brasilianização” do mundo. Situação curiosa de nosso país, onde a esperança é uma profissão e hoje parece ser sina obrigatória de qualquer país neste mundo desigual.

Melhorar a vida de todos estava consolidado no mundo como promessa de que a periferia subdesenvolvida convergiria gradualmente aos padrões do chamado “mundo desenvolvido”, e não o contrário. Essa era a expectativa, sobretudo no caso brasileiro, um país de renda média que foi sintetizado na metáfora da Belíndia, formulada pelo mineiro Edmar Bacha, na década de 1970, para descrever um país composto por ilhas de Bélgica em um oceano de Índia.

O que se observa nas décadas mais recentes, no entanto, é uma convergência no sentido inverso: aquilo que antes parecia uma especificidade brasileira passou a se manifestar como um fenômeno global. A própria Índia se desenvolveu de um jeito desequilibrado e ficou cada vez mais parecida com o Brasil. As regras do jogo da desigualdade, tão associadas ao Brasil, espalharam-se para países em desenvolvimento e também desenvolvidos.

Que venha 2026, com votos de que seja maior o interesse racional de todos os países em reduzir as fricções sociais causadas pela insatisfação daqueles deixados para trás num contexto que permite tanto luxo. Isso porque, no longo prazo, só essa moderação e esse equilíbrio podem preservar o apoio necessário ao funcionamento geral do sistema econômico sem maiores violências.

***Estimados leitores: a coluna entra em recesso e retorna no domingo, 8 de fevereiro.**

PAULO DELGADO, sociólogo